

No rastro de Pakyî e Tamandua

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.153134>

Íris Morais Araújo

🏠 Universidade de São Paulo | São Paulo, SP, Brasil

✉ imaraujo688@gmail.com

Piripkura. Documentário (82 min, 2017). Direção de Mariana Oliva, Renata Terra e Bruno Jorge.

O premiado documentário tem como mote as expedições da Frente Etnoambiental Madeirinha-Juruena – vinculada à Funai e coordenada pelo tarimbado indigenista Jair Candor – na Terra Indígena (TI) Piripkura, no noroeste do Mato Grosso. O intuito das jornadas é localizar os vestígios de Pakyî e de seu sobrinho Tamandua, os dois indígenas Piripkura que vivem ali no chamado regime de isolamento voluntário. O termo, que demonstra a limitação da imaginação ocidental sobre as populações indígenas, as demarca sob as ideias de isolamento, fragilidade e inocência, e deixa implícito o fato de que essa posição decorre de “experiências anteriores de contato [...]”: a atitude *arredia* é reativa ao contato” (Gallois, 1994: 122).

A obrigação de rastrear os Piripkura ocorre por motivo de lei. O instrumento jurídico que garante seus direitos territoriais não é a demarcação, mas a restrição de uso (Funai, s.d.). Tal rubrica impede a exploração da terra por não indígenas, mas não garante a posse permanente da área por seus habitantes.¹ Por isso, a cada dois anos, a Frente Etnoambiental deve comprovar que seus moradores permanecem naquele território.

A obrigação de rastrear os Piripkura ocorre por motivo de lei. O instrumento jurídico que garante seus direitos territoriais não é a demarcação, mas a restrição de uso (Funai, s.d.). Tal rubrica impede a exploração da terra por não indígenas, mas não garante a posse permanente da área por seus habitantes.¹ Por isso, a cada dois anos, a Frente Etnoambiental deve comprovar que seus moradores permanecem naquele território.

Pakyî e Tamandua, avisa Candor a certa altura do filme, vivem com um facão, um machado, uma tocha de fogo, e a floresta em pé. Mas eles não são os únicos Piripkura conhecidos: há também Rita. Ela deixou o irmão e o sobrinho, respectivamente, após a morte de quase todos seus parentes, inclusive seu casal de filhos. No início dos anos 1980, foi encontrada escravizada em uma fazenda e transferida para Jiparaná (RO) (Milanez & Shepard Jr., 2016: 132). Posteriormente, casou-se com Aripã. Mora com o marido na TI Karipuna em Rondônia – onde vivem os Karipuna, uma parcela Tupi-Kawahib que, assim como os Piripkura, sofreu drástica depopulação.²

1 Para um comentário crítico a esse respeito, ver Milanez & Shepard Jr. (2016: 133).

2 Denófrío (2013) investigou a cosmológica Tupi-Kawahib tendo Aripã e Rita como principais interlocutores.

O casal acompanha o indigenista na primeira das duas expedições retratadas no documentário. A câmera, em ângulos fechados, segue a equipe na mata. Aos poucos, encontra os vestígios de Pakyî e Tamandua – pegadas, restos de pescaria, moquéns e tapiris abandonados.

Mas o andar lento na floresta se alterna com viagens velozes de caminhonete. A câmera prossegue colada em Candor, que busca e leva Rita e Aripã de uma terra indígena a outra. Entre Mato Grosso e Rondônia, em meio ao arco do desmatamento, as tomadas abertas captam o infinito de poeira, de toras de madeira valiosas e de restos queimados de vegetação. A paisagem, nada poética, remete a uma espécie de *road movie* às avessas.

As duas terras indígenas não fogem desse quadro de desmatamento. A TI Piripkura está localizada em Rondolândia e Colniza (MT), epicentro de devastação ambiental e violência agrária (Diniz, 19 mai. 2016; Montesanti, 24 abr. 2017). Até se tornar terra de uso restrito, houve ali intensa exploração de madeira. De sua área total, menos da metade é de floresta em pé. E, mesmo legalmente protegida, sofre pressão de madeireiros (Chiaretti, 16 fev. 2018). Já a TI Karipuna, demarcada desde 1997, é alvo de madeireiros e grileiros. Os Karipuna vêm denunciando a violação de seus direitos e a iminência de genocídio (Aranda, 27 set. 2017; Cimi, 14 mar. 2018, 18 abr. 2018).

O indigenista ao volante, com voz sempre calma e pausada, se expõe. Rememora quando chegou, ainda moço, para viver ali: tempo em que existiam mateiros especializados em acabar com aldeias inteiras. Comenta, com preocupação, o avanço do desmatamento no entorno da TI Piripkura, mas também sua satisfação nas vezes em que encontra Pakyî e Tamandua na mata, com saúde.

A segunda expedição, sem Rita e Aripã, ocorre em época de chuva. As dificuldades de deslocamento da equipe são maiores. Os vestígios – uma árvore cortada, um tapiri – não são muitos, mas suficientes para que o indigenista avalie que os Piripkura estão vivos.

Se o filme se encerrasse aí, já seria possível afirmar que o foco nas reflexões e práticas de um indigenista experiente e dedicado é uma bem-vinda contribuição. Tal personagem, mediador por excelência, é capaz de explicitar “as contradições da política desenvolvimentista” implementada no país (Gallois, 2012: 125). A oportunidade de ouvi-lo, apreender algo de seus saberes e suas experiências, permite reflexão sobre os impasses relacionados às populações em isolamento voluntário (Milanez & Shepard Jr., 2016) e, de modo mais geral, sobre as práticas realizadas a partir dos mecanismos jurídicos e administrativos do indigenismo oficial – que consagrou, para citar apenas dois nomes que trabalharam na mesma área que o protagonista do filme, Rondon e Apoena Meirelles – que sofreu, na última década, brutal desmonte.

Há mais, porém. Após a expedição, Pakyî e Tamandua deixam a mata em

busca de Candor. A tocha que carregam se apagou, precisam de fogo. É a deixa para que passem um período na base da Funai e a câmera realize imagens deslumbrantes.

O ritmo das interações entre Candor e os Piripkura segue uma espécie de protocolo oficial: as medidas aos visitantes e o registro do encontro em fotografias se soma à busca do indigenista, ao telefone e ao rádio, por um profissional que faça a avaliação da saúde de Pakyî e Tamandua. Após essas etapas, voltarão para o mato; continuarão a manter distância. Mas, enquanto as negociações ocorrem, os dois comem, se banham, dormem, observam o que se passa. Sempre juntos, eles riem, conversam, se tocam de modo carinhoso.

Em meio a essas atividades, os Piripkura articulam expressões, gestos e poses próprios. Tal repertório se potencializa no documentário, justamente, porque também têm traquejo para lidar com a câmera, demonstrando para os espectadores do filme sua perícia em relação ao Ocidente. Essa habilidade não se explica, claro está, por ideias de dominação ou de aculturação, senão pelo modo com que tais grupos valorizam a diferença. Em tudo ao inverso da paixão ocidental pelo idêntico, demonstrada pelos europeus ao chegarem à América – que só reconheceram nos ameríndios o que lhes era familiar, permitindo-lhes destruir tudo o que não se parecia com seu mundo –, as populações ameríndias vêm demonstrando, nesse passar de séculos, contínua “abertura para o Outro” (Lévi-Strauss, [1991] 1993: 14; Taylor, 2011: 82-83). “Isso equivale a dizer que, ‘para os indígenas’, nenhuma diferença é indiferente, pois toda diferença é imediatamente relação, dotada de uma positividade” (Viveiros de Castro, [1993] 2002: 165).

Assim, as sequências das quais Pakyî e Tamandua são protagonistas contribuem, de forma sutil e efetiva, para a problematização do ideário de ignorância em relação ao mundo não indígena, cerne do entendimento ocidental da experiência do isolamento voluntário. Esse esforço ganha relevo pelo fato de que, nos últimos anos, houve uma “escalada” de processos de contato” (Arisi & Milanez, 2017: 53) – “em situação de extrema vulnerabilidade e risco, numa floresta que vem sendo devastada por grandes projetos financiados por dinheiro público e privado” (Arisi & Milanez, 2017: 54-55) – entre o Estado brasileiro e alguns grupos até então classificados como isolados, sendo alvo ainda de manchetes, fotografias e controvérsias (Amorim, 2017; Arisi & Milanez, 2017).

A enfermeira, afinal, examina os visitantes: estão com ótima saúde. Chegou o tempo de voltar, com a tocha acesa. Não há reencontro marcado com Candor e sua equipe. Nos mitos ameríndios sobre o fogo, é recorrente que sua posse seja, originalmente, de seres predadores como a onça (Lévi-Strauss, [1964] 2004). Relacionar-se com tais criaturas é sempre perigoso: delas, convém manter certa distância. Mas as chamas acabam nas mãos de um herói por meio de um evento intrépido.

Rita e Aripã contaram ao antropólogo João Paulo Marra Denófrio (2013: 37-38) que um dos Mbahira, primitivos habitantes do Baixo – de um universo separado entre o Alto, o Baixo e o Subterrâneo (Denófrio, 2013: 25-39) –, deixou seu corpo apodrecer. Sua alma se transformou em mosca e ele subiu para o céu, cantando para os urubus, donos do fogo, que embaixo havia um lago de peixe podre. Felizes, desceram com uma tocha para examinar o banquete. Quando as chamas ficaram altas, Mbahira surgiu em aspecto humano, pegou o fogo e correu.

Íris Morais Araújo é doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Realiza pesquisa entre os Karitiana do sul da Amazônia desde 2011. É autora de *Militão Augusto de Azevedo: fotografia, história e antropologia* (São Paulo, Alameda, 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANDA, Ana

27 set. 2017 “Povo Karipuna vive iminência de genocídio em Rondônia”.

Disponível em <https://www.cimi.org.br/2017/09/povo-karipuna-vive-iminencia-de-genocidio-em-rondonia/>. Acesso em 1 mai. 2018.

ARISI, Barbara & MILANEZ, Felipe

2017 “Isolados e ilhados: indigenismo e conflitos no Vale do Javari, Amazônia”. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 43, n. 1: 49-66. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/24482/15439>, acesso em 7 de maio 2018.

AMORIM, Fabrício

2017 “Novos desafios da ação indigenista oficial”. In: RICARDO, Fany & RICARDO, Beto (orgs.). *Povos indígenas no Brasil: 2011-2016*. São Paulo, Instituto Socioambiental, pp. 62-66.

CHIARETTI, Daniela

16 fev. 2018 “Os dois sobreviventes do povo indígena Piripkura”. Disponível em <http://www.valor.com.br/cultura/5324913/os-dois-sobreviventes-do-povo-indigena-piripkura>. Acesso em 1 mai. 2018.

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

- 14 mar. 2018 “Em Brasília, indígenas Karipuna denunciam venda de lotes dentro de terra demarcada há 28 anos”. Disponível em <https://www.cimi.org.br/2018/03/em-brasilia-indigenas-karipuna-denunciam-venda-de-lotes-dentro-de-terra-demarcada-ha-28-anos/>. Acesso em 1 mai. 2018.
- 18 abr. 2018 “Eu vim à ONU pedir ajuda para que não ocorra um massacre contra o meu povo”. Disponível em <https://www.cimi.org.br/2018/04/eu-vim-a-onu-pedir-ajuda-para-que-nao-ocorra-um-massacre-contra-o-meu-povo/>. Acesso em 1 mai. 2018.

DENÓFRIO, João Paulo Marra

- 2013 *La Mort est dans la vie: contre-métamorphose et ascension kagwahiva*. Paris, Mémoire de Master 2, École des Hautes Études en Sciences Sociales.

DINIZ, Maiana

- 19 mai. 2016 “Colniza, um retrato do desmatamento em Mato Grosso”. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-05/amazonia-ameacada-colniza-um-retrato-do-desmatamento-em-mato-grosso>. Acesso em 1 mai. 2018.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

- s.d “Entenda o processo de demarcação”. Disponível em <http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-53>. Acesso em 1 mai. 2018.

GALLOIS, Dominique

- 1994 “De arredios a isolados: perspectivas de autonomia para os povos indígenas recém-contatados”. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (org.). *Índios no Brasil*. Brasília, Ministério da Educação e Desporto, pp. 121-134.
- 2012 “Dois filmes e uma tradição: sertanistas defendendo a vida dos índios”. *Proa*, Campinas, v. 4: 123-128. Disponível em <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2343/1745>. Acesso em 7 mai. 2018.

LÉVI-STRAUSS, Claude

- [1964] 2004 *O cru e o cozido*. São Paulo, Cosac Naify.
- [1991] 1993 *História de lince*. São Paulo, Companhia das Letras.

MILANEZ, Felipe & SHEPARD JR., Glenn H.

- 2016 “The Few Remaining: Genocide Survivors and the Brazilian State”. *Tipití*, San Antonio, v. 14, n. 1: 131-134. Disponível em <https://digitalcommons.trinity.edu/cgi/viewcontent.cgi?referer=https://www.google.com.br/&httpsredir=1&article=1224&context=tipiti>. Acesso em 7 mai. 2018.

MONTESANTI, Beatriz

24 abr. 2017 “A chacina de Mato Grosso e os números da violência rural no país”. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/expres-so/2017/04/24/A-chacina-de-Mato-Grosso-e-os-números-da-violência-rural-no-país>. Acesso em 1 mai. 2018.

TAYLOR, Anne-Christine

[2004] 2011 “Dom Quixote na América: Claude Lévi-Strauss e a antropologia americanista”. *Sociologia & Antropologia*, v. 1, n. 2: 77-90. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/sant/v1n2/2238-3875-sant-01-02-0077.pdf>. Acesso em 7 mai. 2018.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

[1993] 2002 “O problema da afinidade na Amazônia” In: *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios*. São Paulo, Cosac Naify, pp. 87-180.